

Classicismo falhado e infalível

Antologia de Sophia de Mello revela 50 anos de uma obra de impressionante regularidade

Sérgio Alcides

A publicação no Brasil de uma antologia da obra poética de Sophia de Mello Breyner Andresen não poderia ser mais oportuna, em 2004, quando se comemoram os 30 anos da Revolução dos Cravos. Sophia, que morreu em julho passado, aos 84 anos, viveu intensamente os dias do movimento revolucionário que prometia retirar Portugal da “apagada e vil tristeza” vislumbrada por Camões já no século 16. Foi ela a autora de um dos mais repetidos lemas daquela primavera de 1974: “A poesia está nas ruas”.

A antologia *Poemas escolhidos* foi organizada e prefaciada pela escritora Vilma Arêas. Um de seus aspectos mais interessantes é a forma de apresentação dos poemas selecionados, em seqüência direta, e não separados por temas ou épocas. Só no final o leitor encontra as devidas referências bibliográficas, e assim fica informado sobre os livros em que cada poema foi originalmente incluído.

O resultado é revelador: tem-se a impressão de que se lê um livro a mais da autora e não apenas uma seleção. Numa obra que se prolongou por mais de 50 anos (estreada em 1944), a poesia mantém de ponta a ponta uma impressionante regularidade. Segue em linhas gerais o mesmo curso, perseguindo sempre os mesmos temas e

imagens: o mar, o universo, a tensão entre o tempo e a eternidade, a epifania que equilibra a finitude humana e a perenidade do cosmos. Sua tarefa desde o início foi ordenar o caos e reconstruir o equilíbrio e a unidade de um imaginário momento inaugural. É um repertório temático classicista, que no caso dessa autora está mais marcado pela profecia do que pela sabedoria. Poucas vezes, porém, as poéticas que no século 20 se aproximaram dessa pauta se mostraram tão profundamente impregnadas de política. No poema “Promessa”, por exemplo, que é de 1947, diz ela: “És tu a Primavera que eu esperava, / A vida multiplicada e brilhante, / Em que é pleno e perfeito cada instante”. Assim como no 25 de abril de 1974 diria: “Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo”.

Território do caos Em Sophia, o horizonte da unidade cósmica pressupõe a política, território mundano do caos. E é isto o que ela mesma explica da maneira mais transparente: “Quem procura uma relação justa com a pedra, com a árvore, com o rio, é necessariamente levado, pelo espírito de verdade que o anima, a procurar uma relação justa com o homem”.

O pressuposto da política, no entanto, não deixa de implicar também – fatalmente – a frustração. Assim, no alvoreço revolucionário de 1974, os poemas sempre atemporais de Sophia, de repente, aparecem datados, porque agora “habitamos a substância do tempo”. Mas em junho daquele ano (com a chegada do verão...), o poema já se intitula “Com fúria e raiva”. No ano seguinte sobressai a dúvida: “Ou po-

deremos Abril ter perdido?”. E mais adiante o desabafo: “A vida errada num país errado / Novos ratos mostram a avidez antiga”.

Esse classicismo falhado, na sua inscrição infalivelmente moderna, é o que impede a poesia de Sophia, tão sequiosa de totalidade e elevação, de se converter num hieratismo que resultaria mais opressivo do que libertador. Sem deixar de afirmar

o caráter sagrado da palavra – “Que de muito longe um povo a trouxe / E nela pôs sua alma confiada” –

e sem negar sua filiação a um certo orfismo, em seu anseio de restauração da ordem primordial, ela se mantém fiel à sua “aliança com as coisas” e vê Orfeu do ponto de vista de Eurídice, a quem diz: “Em ti eu celebri minha união com a terra”. Também vão neste sentido, creio eu, as valiosas observações de Vilma Arêas sobre a autora, que ela caracteriza como “clássica e anticlássica”, inspirando-se na obra de Giulio Carlo Argan.

“Semelhante ao corpo de Orfeu dilacerado pelas fúrias este reino está dividido”, escreve Sophia em texto significativamente chamado de “Arte poética”. O dilaceramento é a imagem que neste mundo tem o “reino” prometido. Cabe ao poeta recompô-lo. Não por acaso este se opõe simetricamente à figura do demagogo, com “o seu capitalismo das palavras”, que só “diz da verdade a metade”. A poesia pode falhar, mas pretende sempre uma inteireza, “uma intransigência sem lacuna”. Por isso ultrapassa o tempo e vai além: “Mesmo que eu morra o poema encontrará / Uma praia onde quebrar suas ondas”.

Sérgio Alcides é autor de *O ar das cidades: Poemas, 1996-2000* (São Paulo: Nankin, 2000) e *Estes penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas* (São Paulo: Hucitec, 2003).

POEMAS ESCOLHIDOS

Sophia de Mello Breyner Andresen
Cia das Letras, 2004
288 pp. R\$ 39,00

